

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE PRESIDENTE DUTRA CESP
CURSO DE LICENCIATURA LETRAS

SILMARA SOUSA DE ALENCAR

**A CONTRIBUIÇÃO DOS CONTOS DE FADAS PARA O DESPERTAR DA
LEITURA: uma revisão bibliográfica**

Presidente Dutra
2019

SILMARA SOUSA DE ALENCAR

**A CONTRIBUIÇÃO DOS CONTOS DE FADAS PARA O DESPERTAR DA
LEITURA: uma revisão bibliográfica**

Monografia apresentada ao Curso de Letras Português da Universidade Estadual do Maranhão-UEMA, Centro de Estudos Superiores de Presidente Dutra/CESPD como pré-requisito para obtenção do título de Licenciado em Letras.

Orientador: Prof. Jonh Jefferson do N. Alves.

Presidente Dutra
2019

Alencar, Silmara Sousa de.

A contribuição dos contos de fadas para o despertar da leitura: uma revisão bibliográfica / Silmara Sousa de Alencar. – Presidente Dutra, MA, 2019.

... 50

Monografia (Graduação) – Curso de Letras, Centro de Estudos Superiores de Presidente Dutra, Universidade Estadual do Maranhão, 2019.

Orientador: Prof. Me. Jonh Jefferson do Nascimento Alves.

1.Contos de fadas. 2.Leitor. 3.Contribuições. I. Título

CDU: 82-343:028

SILMARA SOUSA DE ALENCAR

A CONTRIBUIÇÃO DOS CONTOS DE FADAS PARA O DESPERTAR DA

LEITURA: uma revisão bibliográfica

Monografia apresentada ao Curso de Letras Português da Universidade Estadual do Maranhão-UEMA, Centro de Estudos Superiores de Presidente Dutra/CESPD como pré-requisito para obtenção do título de Licenciado em Letras.

Aprovada em: / /

BANCA EXAMINADORA

Profº Mestre Jonh Jefferson do Nascimento Alves (Orientador)

Mestre em Letras
Universidade Estadual do Rio Grande do Norte

Profª Esp. Maria Odete da Silva Lima

Especialista em Docência do Ensino Superior
FAEME

Profª Esp. Francione Lima Belfort

Especialização em Literatura Portuguesa e Brasileira
IESF

À minha amada filha, Marcella Lorrany de
Alencar Mota, a quem Deus me
presenteou no início desta jornada.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, por sempre ter me guiado e abençoado ao longo desta jornada, me dando forças e coragem para não desistir.

Agradeço ao meu querido esposo Marcelo da Silva Mota por ser o maior incentivador para a realização desse sonho, por sempre ter me apoiado e cuidado da nossa filha Marcella Lorrany, desde os seus primeiros meses de vida, para que eu pudesse estudar.

Agradeço a minha querida amiga Beti, que sempre me incentivou com as suas palavras sábias nos momentos de dificuldades.

Agradeço ao meu Prof. Orientador Jonh Jefferson do Nascimento Alves pela sua responsabilidade e contribuição para a realização deste trabalho.

“A leitura é uma fonte inesgotável de prazer, mas por incrível que pareça, a quase totalidade, não sente esta sede”.

Carlos Drummond de Andrade

RESUMO

Os contos de fadas durante muito séculos eram destinados somente aos adultos. Com a inserção das crianças nas escolas, sentiu-se a necessidade de adaptá-los para que elas pudessem ter contato com este gênero e consequentemente ter prazer pela leitura. Com base neste pressuposto, a referida pesquisa tem como tema “A contribuição dos contos de fadas para o despertar da leitura”. No entanto, a mesma partiu do seguinte questionamento: quais as contribuições dos contos de fadas para o despertar da leitura? Em vista à problemática traçou-se como objetivo geral: analisar as contribuições que os contos de fadas trazem para o despertar da leitura e formação do leitor. E como objetivos específicos: identificar a origem dos contos de fadas; os contos na Grécia Antiga; Idade Média; modernos e contemporâneos, apresentar versões diferentes do conto “Chapeuzinho Vermelho”; caracterizar os contos de fadas bem como sua utilização em sala de aula para a formação dos leitores; reconhecer a importância dos contos de fadas para o desenvolvimento da leitura e pensamento crítico do leitor. A pesquisa é de caráter bibliográfico tendo uma abordagem qualitativa. As fontes utilizadas foram livros, dissertações, monografias, artigos, revistas e banco de dados online. Para tal utilizamos as contribuições dos pesquisadores Paiva (1990), Vicente (2014), Bastos (2015) e outros. Ao concluir a pesquisa, apresenta-se as contribuições dos contos de fadas para o despertar da leitura, tendo a certeza que esta apresenta resultados significativos para todos os leitores, objetivando que eles se conscientizem da importância dos contos de fadas e se tornem leitores críticos, reflexivos e proativos.

Palavras chaves: Contos de fadas. Leitor. Contribuições.

ABSTRACT

Fairytales for many centuries were meant for adults only. With the inclusion of children in schools, it was felt the need to adapt them so that they could have contact with this genre and consequently have pleasure in reading. Based on this assumption, this research has as its theme "The contribution of fairy tales to the awakening of reading". However, it came from the following question: what are the contributions of fairy tales to the awakening of reading? In view of the problem was set as a general objective: to analyze the contributions that fairy tales bring to the awakening of reading and training of the reader. And as specific objectives: identify the origin of fairy tales; the tales in ancient Greece; Middle Ages; modern and contemporary, present different versions of the tale "Little Red Riding Hood"; characterize fairy tales as well as their use in the classroom for the formation of readers; recognize the importance of fairy tales for the development of reading and critical thinking of the reader. The research is bibliographic with a qualitative approach. The sources used were books, dissertations, monographs, articles, magazines and online database. For this we use the contributions of researchers Paiva (1990), Vicente (2014), Bastos (2015) and others. At the conclusion of the research, we present the contributions of fairy tales to the awakening of reading, making sure that it has significant results for all readers, aiming to make them aware of the importance of fairy tales and become critical readers, reflective and proactive.

Keywords: Fairy Tales. Reader. Contributions.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	9
2 CONTOS DE FADAS: a origem.....	11
2.1 Contos na Grécia Antiga.....	13
2.2 Contos na Idade Média.....	15
2.3 Contos Modernos.....	17
2.4 Contos Contemporâneos.....	19
3 VERSÕES DO MESMO CONTO: <i>Chapeuzinho Vermelho</i>.....	22
4 A IMPORTÂNCIA DOS CONTOS DE FADAS NA FORMAÇÃO DO LEITOR.....	29
4.1 Características dos contos de fadas.....	29
4.2 Os contos e sua utilização em sala de aula.....	35
4.3 Os contos e suas contribuições para o despertar da leitura.....	38
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	44
REFERÊNCIAS.....	47

1 INTRODUÇÃO

O processo de ensino-aprendizagem a partir da educação infantil traz consigo teorias e práticas relevantes que juntas corroboram para o aprendizado significativo. Para tanto, faz-se necessário uma contribuição ainda maior por parte dos docentes que na mesma atuam, visto que, a criança ao ingressar no mundo escolar, ainda não domina os aspectos linguísticos e literários, necessitando assim do apoio e das instruções dos seus professores para lhes apresentar a leitura e escrita da forma mais lúdica possível.

Os professores por sua vez, tem um inesgotável leque de possibilidades literárias para explorar a leitura dentro da sala de aula e proporcionar a aprendizagem. Uma dessas alternativas diz respeito aos contos de fadas, que ao serem inseridos de forma lúdica ainda na infância, podem trazer consigo um valor considerável ao processo educativo e de desenvolvimento do futuro leitor crítico.

Para que o professor venha a proporcionar ao seu alunado um aprendizado diferenciado e de qualidade, é conveniente que ele desenvolva técnicas e métodos diversos para os educandos, fazendo com que a cada dia eles possam ter ainda mais desejo em aprender.

Durante a graduação, pode-se perceber que os contos de fadas estão presentes na vida das pessoas desde a infância até a velhice trazendo significados e importâncias diversas para cada público. Com isso, teve-se a ideia de desenvolver a pesquisa para elaboração desta monografia com o tema “A contribuição dos contos de fadas para o despertar da leitura”.

Para tanto, a pesquisa norteou-se com a seguinte problemática: quais as contribuições dos contos de fadas para o despertar da leitura? Para que a indagação fosse respondida, traçou-se como objetivo geral: analisar as contribuições que os contos de fadas trazem para o despertar da leitura e formação do leitor. E, como objetivos específicos: identificar a origem dos contos de fadas, os contos na Grécia Antiga, Idade Média, modernos e contemporâneos; apresentar versões diferentes do conto “Chapeuzinho Vermelho”; caracterizar os contos de fadas bem como sua utilização em sala de aula para a formação dos leitores; reconhecer a importância dos contos de fadas para o desenvolvimento da leitura.

A pesquisa desenvolvida é de caráter bibliográfico, com uma abordagem qualitativa, cujas fontes utilizadas foram livros, dissertações, monografias, artigos, revistas e banco de dados online.

Ao término da pesquisa, objetiva-se apresentar as contribuições dos contos de fadas para o despertar da leitura, colaborando assim de forma significativa para todos os leitores, visando que eles se tornem leitores críticos, reflexivos e proativos, pois acredita-se que com este trabalho, muitos educadores e educandos passarão a ver os contos de fadas com um novo olhar e com a intenção de adquirirem ainda mais conhecimentos a partir da leitura de obras literárias do gênero contos de fadas.

2 CONTOS DE FADAS: a origem

A literatura teve sua origem desde que o ser humano adquiriu a fala. No entanto, a mesma só veio a se consolidar dentro das sociedades por volta do século XVII. Estudos indicam o surgimento das primeiras histórias contadas por meio de narrativa na África, na Índia, na China, no Japão e no Oriente Médio. Coelho (2009, apud VICENTE 2014), afirma que:

Os contos de fadas se originaram da antiga civilização Celta, aproximadamente no Século II. Os Celtas são considerados pela história um povo místico que valorizava a magia. Sua cultura era fundamentada nos princípios espirituais, na fabricação de armas e cultuavam as mulheres sobre-humanas (druidesas e fadas) (COELHO 2009, apud VICENTE 2014, p. 18).

Nota-se que a justificativa de estar presente nos contos de fadas elementos místicos e de magia, é a sua origem, pois o povo do qual se originou utilizava tais elementos em sua cultura, eles acreditava em bruxas, duendes, ogros. Eles consideravam os rios, as fontes e os lagos como lugares sagrados e, foi da água, elemento sagrado para eles que surgiu a figura da fada. Os contos de fadas fazem parte da realidade humana, mas, na sua iniciação, não eram voltados para as crianças e sim para os adultos, pois eram contados nas rodas de conversas entre eles (PESSOLATO; BRONZATTO 2014). Os contos representam os mistérios da existência vivenciados pelo indivíduo, como enfatizou abaixo Gillig (1999, apud VICENTE 2014):

Contos, narrativas míticas, fábulas e lendas têm em comum o fato de constituírem uma narrativa escrita ou falada na qual a maioria dos personagens possui uma natureza ao mesmo tempo humana e sobre-humana, agindo em acontecimentos e num meio ao mesmo tempo reais e supra-reais, numa fusão total da narrativa. (GILLIG 1999, apud VICENTE 2014, p. 19)

Tanto os contos de fadas quanto os mitos permeavam um universo real e irreal na vida das pessoas, onde se tinham seres dotados de qualidades e defeitos da personalidade humana e, ao mesmo tempo, de outros com natureza sobrenatural ou sobre-humana, fazendo com que o leitor ou àquele que ouvia a história, pudesse encontrar identificação e semelhança tanto com os personagens quanto com os relatos de toda a história e, assim, enfrentar, com os heróis e heroínas, os desafios e os triunfos, paralelamente aos seres mágicos e encantamentos presentes nessas narrativas de entidades que personificam o bem e o mal.

Os primeiros registros de contos estão em sermões de pregadores medievais que utilizavam os elementos da tradição oral para ilustrar argumentos morais e ensinamentos, principalmente quando eles queriam que as crianças obedecessem e temessem aos mais velhos (PESSOLATO; BRONZATTO 2014). Assim, os contos representam os impulsos e medos conscientes e inconscientes e fazem parte de nossas vivências mais reais dentro da sociedade em que estamos inseridos. Lidando assim com problemas universais, questionam ideias preconcebidas e predeterminadas e até defendem causas perdidas.

Há muitas hipóteses de como os contos surgiram. Segundo a psicóloga Marie Louise Von Franzas “as formas mais originais dos contos de fadas são as sagas locais e as histórias parapsicológicas, histórias miraculosas que acontecem devido a invasões do inconsciente coletivo sob a forma de alucinações em forma de vigília” (PAIVA 1990, p. 14). Esses fatos acontecem em pequenas comunidades habitadas por camponeses que relatam suas vivências e crenças. Quando algo fora do normal acontece, logo se espalha por meio de cochichos e sofre acréscimos e retiradas, conforme o entendimento que cada um passa a ter da história contada. Assim, o acontecido tem condições favoráveis e o fato emerge, se enriquecido de representações e se tornando um conto local. Outra hipótese é argumentada pelo folclorista soviético V. Propp citado por Eliade (1972, apud PAIVA 1990):

Uma origem ritualística dos contos populares, ou seja, ele vê nos contos a reminiscência dos ritos totêmicos de iniciação, pois se reduz a um enredo iniciatório (lutas contra o monstro, obstáculos aparentemente insuperáveis, enigmas a serem desvendados, o casamento, etc.)” (ELIADE 1972, apud PAIVA 1990, p. 15).

Entende-se que quase todos os contos têm elementos de luta e de obstáculos a serem superados e vencidos assim como na realidade dos leitores e ouvintes. Nota-se que muitos contos são contados a partir de uma realidade séria, onde a personagem principal passa por apuros, tem perdas de entes queridos, sofre com a maldade dos vilões, até que supera todos os desafios e tem um “final feliz”.

2.1 Contos na Grécia Antiga

A narrativa é o modo pelo qual oferecemos conselho e ajuda, sendo assim, os mitos eram transmitidos oralmente pelos narradores que compartilhavam com seus ouvintes os ensinamentos e experiências da humanidade. Desta forma, os mitos ao serem reformulados deram origem às histórias infantis, que ficaram conhecidas como os contos de fadas.

A literatura infantil existia antes de Perrault, podendo ela ser encontrada na cultura erudita por meio de literatura pedagógica dos povos jesuítas e sob a forma de literatura oral contada nas classes populares em formato de contos e provérbios. Pesquisas acerca da origem dos contos revelam que suas raízes são de fonte oriental, posteriormente difundida com fontes latina (greco-romana) e céltico-bretã (COELHO 2012, apud SOUZA 2016).

Na Antiga Grécia, “os contos de fadas foram elaborados para incitar a moral do homem e adverti-lo dos perigos da natureza e os mitos visariam tocar a alma do homem, fornecendo uma explicação sobre os acontecimentos e motivos para a vida ser como ela é” assim defende (CIVITA 1973, apud VISINTIN; GRANATO 2012, p. 5). Cabe frisar que os contos não têm uma origem única e seu conteúdo era baseado nos costumes, relatos e ideias desses povos, transmitidos de geração a geração até os dias atuais mediante o explicitado por Paiva (1990):

(...) existe a hipótese de serem eles mitos dessacralizados, pois segundo alguns autores têm uma tradição oral, o que facilitou sua migração de uma região a outra. Portanto, estavam sujeitos a sofrerem mutações, adaptando-se à cultura local assim como recebendo as influências da ordem judaico-cristã. Mesmo assim, alguns contos mantiveram suas raízes na cultura popular, preservando elementos inerentes às religiões ditas pagãs. (PAIVA 1990, p. 10)

Conforme o citado, os contos podem ter surgidos a partir dos mitos na Antiga Grécia e se espalhado pelo mundo a partir da contação de histórias em rodas de conversas onde um grupo passava a história para outro por meio de relatos e assim foram sofrendo influências e transformações em cada cultura que chegava e sendo assim repassada de tempos em tempos e de povos e povos. Outro fator que pode ainda comprovar a sua relação com o mito é a semelhança quanto as imagens e linguagem simples utilizada em ambos. Segundo Coelho (2012, apud SOUZA 2016), a primeira fonte sobre os contos de fadas é:

Uma coletânea encontrada na Índia, conhecida como Calila e Dimna, que traz a fusão de três livros sagrados: Panchatantra, Mahabharata e Vischno Sarna, que eram utilizados pelos primeiros pregadores budistas no século VI a.C. A versão original foi escrita em sânscrito e se perdeu, bem como a tradução em persa, têm-se conhecimento da versão árabe feita no século VIII. (COELHO 2012, apud SOUZA 2016, p. 14)

Pode-se ainda fazer inferência a outros registros arcaicos que contribuíram para dar origem aos contos de fadas como destaca Coelho (2012, apud SOUZA 2016, p. 14), “O *livro do mágico* de origem egípcia, datado em 4000 a.C., mais tarde no século VII, a transcrição do poema anglo-saxão *Beowulf*; e em 1155 *As aventuras do Rei Arthur*, de Brut de Wace”. Estas obras da literatura infantil dos tempos antigos remetem-nos a compreender a importância da tradição em se contar histórias e registrá-las para que as gerações seguintes possam ter conhecimento das raízes culturais dos povos antigos.

Porém, na Grécia Antiga, não havia o costume de se escrever as histórias contadas, assim, muitas delas se tornaram conhecidas até hoje por terem sido contadas por meio da linguagem oral. Parte destas histórias conhecidas hoje, se devem ao trabalho paciente de monges copistas que viviam nos numerosos mosteiros medievais como destaca Coelho (2012, apud SOUZA):

Eles se dedicavam à recolha dos documentos da Antiguidade e à sua decifração e cópia em novos manuscritos, a fim de preservá-los da destruição do tempo. Sem esse silencioso e anônimo trabalho, a história da literatura, da religião ou da cultura na Antiguidade não teria sido escrita... e ficaríamos sem saber de onde viemos... (COELHO 2012, apud SOUZA 2016, p. 14)

Percebe-se a grandiosa importância destes monges para a literatura e para a ampliação do conhecimento e da história em termos gerais, visto que, foi graças ao trabalho deles em traduzir e reescrever tais documentos da Antiguidade que parte da história passou a ser conhecida, assim, pode-se saber que os contos na linguagem oral eram voltados para os adultos e, posteriormente quando tiveram seus primeiros escritos, não eram direcionados ao público infantil, pois ainda não havia a concepção de infância como a que conhecemos hoje, até séculos passados, a criança era vista como um adulto em miniatura que se comportava como tal (RADINO 2003, apud PESSOLATO; BRONZATTO 2014).

2.2 Contos na Idade Média

Como mencionado, os contos surgiram em forma oral e voltado para os adultos, à medida que as sociedades foram se desenvolvendo, citando aqui a Idade Média, Paiva (1990, p. 17) afirma que “as mulheres mais velhas contavam às crianças histórias simbólicas, e, desde então, os contos de fadas passaram a estar vinculados à educação de crianças”. A contação de histórias para crianças era voltada para a orientação de ensinamentos e de lições de moral para que aprendessem principalmente através do respeito. Conforme Pinho e Novaes (2014), a fonte céltico-bretã (século XII), foi através da fusão da cultura desses dois povos, celta e bretã que:

Surgiram as novelas de cavalaria, os romances cortesões, o mito do "filtro do amor", as baladas, os lais, as histórias de encantamento, bruxedos e magia e daí em diante foi se transformando e se propagando até chegar ao que conhecemos hoje, por Contos de Fadas, que mais tarde se configurou em Literatura Infantil Clássica. (PINHO; NOVAES 2014, p 15)

Percebe-se que os contos tiveram uma longa trajetória até se configurarem como conto de fadas e terem a sua presença marcante na literatura infantil. Um fator relevante a essa demora e configuração em conto se dá pelo fato de que durante muito tempo se tratou unicamente de uma literatura oral. “O pesquisador defronta-se com verdadeiro labirinto de hipóteses, teses, interpretações

e as mais variadas controvérsias. Como também com teorias sobre a origem, as migrações, as transformações” como destaca (SOUZA 1996, apud PINHO; NOVAES 2014, p. 15). Os fatores apresentados apontam a dificuldade para se determinar o que de fato é conto de fadas. Conforme Frigo (2014):

Os elementos: castelos, reis e rainhas, príncipes e princesas, madrastas e feiticeiras, valentes heróis que enfrentam terríveis perigos (alguns deles ainda crianças), indicam que essas histórias circularam na Europa durante a Idade Média. Essa foi uma longa época da história da Europa, que durou cerca de mil anos, entre o século V e o século XV. Por meio das histórias, analisamos que a vida era muito difícil nessa época, existia grande pobreza, além de diversas doenças que matavam as pessoas muito cedo, infelizmente, dentre elas, crianças. Todas tinham que lutar muito para sobreviver. Partindo dessas dificuldades, verificamos que os contos de fadas ficaram registrados nessa época. (FRIGO 2014, p. 9)

Durante a Idade Média, os contos de fadas se espalharam por todas as classes sociais. Os elementos presentes nas narrativas dos contos se consolidaram e fizeram com que eles se fortalecessem. Cabe frisar que nos contos da Idade Média, apresenta-se uma personagem marcante, a madrasta. Como visto, existiam muitas doenças naquela época e as pessoas morriam facilmente, não se tinha o hábito da higiene e a medicina não era desenvolvida, por esses fatores, existiram altos índices de mortalidade durante os partos, tanto as mulheres quanto filhos que nasciam, com isso, os homens ficavam viúvos e se casavam novamente. Os filhos que sobreviviam, ficavam sob os cuidados das madrastas, fator comum para a época (FRIGO 2014). Por meio dos contos, nota-se que elas maltratavam seus enteados, caracterizando-se como verdadeiras bruxas como as dos contos. Observa-se ainda que os contos de fadas trazem a magia que alimenta a imaginação e ajudam as crianças a encarar os problemas da vida real e, consequentemente, traz a esperança de dias melhores. Fatores como estes fazem com que os contos continuem até hoje marcantes e encantando adultos e crianças, pois acreditam que ainda viverão felizes para sempre. De acordo com Paiva (1990):

Os contos costumavam ser a principal forma de entretenimento para as populações agrícolas na época de inverno. Contar contos de fadas, tornou-se uma espécie de ocupação espiritual essencial. Chegou-se mesmo a dizer que eles representavam a filosofia da roda de fiar. Paiva (1990, p. 18).

Compreende-se que até o final do século XVI, contar contos fazia parte da rotina diária das pessoas, pois os mesmos contribuíam para amenizar e esquecer muitas vezes dos problemas enfrentados na época.

2.3 Contos Modernos

Os contos ganharam um respaldo maior durante a Idade Moderna, principalmente após o século XVI. Sendo assim, as narrativas folclóricas, ditos contos de fadas, foram direcionadas às crianças quando a infância passou a ter importância social, pois até então, as mesmas eram vistas como adultos em miniatura. Silva (2013), destaca que:

A partir do século XVIII, um novo sentimento de infância, preocupado com o desenvolvimento das crianças, disseminou-se pela sociedade, trazendo como foco o cuidado com a saúde física e com a higiene. É a partir deste momento que a criança passa a ser considerada diferente dos adultos, carente de cuidados e proteção e toma lugar central na família. O sentimento de infância começou a surgir, havendo, assim, a distinção entre a criança e o adulto, a consideração de todas as suas particularidades e capacidade de desenvolvimento, a análise do contexto social em que estaria inserida (SILVA 2013, p. 12).

Com isso, a criança passou a ser vista e reconhecida pela sociedade em que estava inserida como um indivíduo que necessita de cuidados e de afeto oriundos da família, bem como deve participar ativamente da sociedade em que vive e tomar decisões a seu respeito.

As primeiras definições de literatura infantil vieram a ter abertura no pensamento do século XVIII com o intuito de ampliar a formação de uma nova mentalidade, indo além, quando se coloca como um instrumento de emoções, diversão ou prazer, e que se materializa através das histórias, dos contos, lendas, mitos, poemas, etc., criados a partir da imaginação poética, buscando equiparar à mente infantil, tendo ainda como objetivo uma educação humanística da criança (COELHO 1991, apud VICENTE 2014).

Mas, sabe-se que a literatura infantil é recente, e a mesma encontra-se atrelada ao desenvolvimento das ideias e concepções voltadas a evolução infantil e às necessárias adaptações do ensino à faixa etária da criança. Pois, se até o século XVIII as crianças eram tratadas como adultos em miniatura, com as mudanças ocorridas na sociedade, as crianças passam a ser vistas como crianças, diferentes dos adultos.

A história da literatura infantil teve início no começo do século XVIII, visto que, foi nesse período que a criança passou a ser vista como um ser diferenciado do adulto, cabendo a ela uma educação voltada para sua faixa etária. Nesse percurso, procurou-se uma literatura que fosse adequada à infância e à juventude, a partir daí determinou-se esforços na adaptação dos clássicos, do folclore e das histórias antes contadas a adultos e crianças (CUNHA 1989, apud VICENTE 2014). Com este mesmo sentido, Perrault (e depois, os Irmãos Grimm) e suas publicações estão intimamente ligados à gênese da literatura infantil, pois considera-se que das histórias do folclore foram publicados os primeiros contos de fadas. Até esse período, não se escreviam literaturas voltadas para as crianças, já que não havia um conceito de infância propriamente dito dentro das relações das sociedades existentes na época.

Os contos de fadas são aqueles voltados para tradições folclóricas e, quanto mais antigas, mais verdadeiro e importante serão para as crianças. Salienta-se ainda que os contos de fadas nasceram e cresceram entre as pessoas mais humildes e sequentemente se transformaram em objeto de uso da corte, depois de expurgados os aspectos grotescos e rebuscados da linguagem (BETTELHEIM 2002). Quando a linguagem passou a ser valorizada dentro da sociedade, os contos de fadas passaram a ter uma referência mais culta. Porém, o gosto popular não abandonou as tradições simplificadas. Há milhares de anos os contos existem, sendo eles importante instrumento para o ensino e para a aprendizagem das crianças e jovens.

É ainda no século XVII, que um escritor passou a se preocupar com a educação das crianças e iniciou a tarefa de escrever para as mesmas, assim, a literatura infantil, tem sua iniciação através de Charles Perrault, clássico dos contos de fadas. Espontaneamente o consagrado escritor francês não poderia prever, em sua época, um novo estilo dentro da literatura, e elegê-lo o criador da literatura da criança. Os contos de Perrault, inaugurando o que denominamos atualmente por

literatura infantil, divulgaram histórias, eventos, folclore (já conhecidos pela tradição oral) e adaptados para o público infantil (CARVALHO 1985, apud VICENTE 2014). Ele ainda acrescenta que:

Os contos de fadas são as últimas ramificações da mitologia universal, sobrevivências de mitos e dos velhos cultos e rituais da tradição de todos os povos, o que os coloca numa posição singular de Folclore universal: suas bases folclóricas estão vinculadas a fenômenos e elementos da Natureza, especificando-se apenas as formas de expressão (CARVALHO 1985, apud VICENTE 2014 p. 20).

Pode-se ainda inferir que a passagem dos contos de fadas da oralidade para a escrita, ocorreu entre os séculos XVII e XVIII, na Europa, especialmente na Alemanha e na França, onde autores coletaram narrativas populares e fizeram adaptações, colocando elementos moralizadores, abolindo a sexualidade dos contos que antes eram voltados para os adultos e integrando ao seu conteúdo figuras sobrenaturais, seres encantados, personagens do bem e do mal, e assim, possibilitaram à infância, de forma tímida, fazer-se leitora desses contos.

2.4 Contos Contemporâneos

Quando se observa as crianças da sociedade Pós-moderna (séculos XX e XXI), compreende-se o quanto se ampliou os olhares para a infância desde a Antiguidade. Nas sociedades de hoje, as crianças têm o direito de brincar, estudar, praticar esportes e sobretudo, ser criança. Porém, quando se observa os períodos passados e faz uma análise crítica, nota-se o quanto elas foram esquecidas e marginalizadas em um processo histórico-cultural que ainda hoje sofre sérias consequências apesar de haver evoluções e reconhecimento a respeito da criança dentro da sociedade em que está inserida.

Foi a partir do século XIX que a família passou a ter laços sentimentais e afetivos com a criança e, as sociedades passaram a perceber a relevância da educação para a mesma. Com isso, os pais tiveram que se preocupar com a aprendizagem dos filhos e começaram a colocá-los para estudar e se organizar em torno da criança, dando-lhe o devido reconhecimento. Assim, a criança deixa de ser

anônima, passa a receber os devidos cuidados e ter a atenção que sempre lhe faltou, Bastos (2015) afirma que:

A criança passa a ter um novo papel, e com isso surgiram novas ferramentas e mecanismos que auxiliavam na valorização da vida infantil, como os brinquedos, os livros, a psicologia infantil, a pedagogia e a pediatria. Porém essa valorização vem de uma natureza simbólica na qual buscavam idealizar uma imagem de criança perante a sociedade, sendo assim a infância era de interesse dos adultos (BASTOS 2015, p. 26).

Como meio de valorização da criança, escritores passaram a escrever contos voltados para as mesmas, adaptando assim os contos que antes eram voltados para o público adulto. Sendo assim, “a literatura de contos de fadas para crianças, foi sendo construída ao longo dos séculos XVIII e XIX, com uma dupla função: entreter e moldar ideologicamente” (VAZ 2014, p. 20). Entende-se que mediante a ideologia de infância se fortalecia, sentia-se a necessidade de educar as crianças e construir modelos sociais a ser seguidos por elas. Porém, antes que os contos de fadas se efetivassem de vez para crianças, alguns autores contribuíram para que o gênero se fortalecesse nas sociedades como destaca Juvino (2010):

Ainda no século XVIII, surgem os irmãos Grimm, na Alemanha, com suas célebres histórias de origem popular, depois da publicação de “Contos de fadas para as crianças e para o lar” no século XIX, os contos de fadas se espalharam pela Europa. Hans Christian Andersen, considerado o Pai da Literatura Infantil, escreveu mais de 150 contos de origem popular, e sua obra “Contos de fadas” é uma das coleções que alcançou maior sucesso. A consagração de Andersen e dos Grimm contribuiu para que a voga dos contos de fadas chegasse a uma enorme fertilidade editorial em meados do século XIX (JUVINO 2010, p. 16)

Sem dúvidas, os textos dos irmãos Grimm contribuíram muito para a popularização e consolidação dos contos e, muitos estudiosos da área atribuem a eles a invenção dos contos de fadas. Porém, é sabido que não foram eles os responsáveis pela invenção de tal gênero, mas cabe salientar que a contribuição destes irmãos alavancou a popularidade dos contos em todas as classes sociais, fazendo com que tal gênero se tornasse conhecido em todo o mundo.

Conforme as ideias de Bastos (2015), a literatura voltada para o público infantil trouxe marcas evidentes do período da Revolução Industrial, visto que, uma grande sociedade cresceu e se fortaleceu em meio à industrialização e, as obras literárias infantis se transformaram em mercadoria. A partir daí foram feitos aperfeiçoamentos de imagens e linguagem para despertar o interesse das crianças e para que elas pudessem ler. Com a inserção das crianças em escolas cada vez mais, os contos passaram a ser inseridos nas atividades de leitura para treino contínuo e avaliação. Lajolo (1995, apud BASTOS 2015), afirma que:

Os laços entre a literatura e a escola começam desde este ponto: a habilitação da criança para o consumo das obras impressas. Isto aciona um circuito que coloca a literatura, de um lado, como intermediária entre a criança e a sociedade de consumo que se impõe aos poucos; e, de outros, como caudatária da ação da escola, a quem cabe promover e estimular como condição de viabilizar sua própria circulação. (LAJOLO 1995, apud BASTOS 2015, p. 27).

A aproximação entre literatura e escola veio fomentar o estímulo à criança pela leitura, pois a partir daí ela passa a ter obras com linguagem e imagens voltadas para sua faixa etária. Além disso, o gênero passou a ter um público ainda maior que aprecia os contos infantis. Assim, compreende-se que o trabalho desenvolvido pelos irmãos Grimm, foi maior do que apenas reescrever contos que já eram contados oralmente, eles melhoraram a linguagem e aproximaram a mesma do público a quem agora se destinava, as crianças.

3 VERSÕES DO MESMO CONTO: *Chapeuzinho Vermelho*

A partir século XVII foram criados e produzidos livros voltados para crianças como meio de apoio pedagógico, já que foi nesse período que elas passaram a frequentar escolas. Os mesmos levavam em consideração valores, crenças, cultura e padrões comportamentais apresentados pela sociedade da época. Alves (2014), comenta que:

Como nessa época não existia uma preocupação com as crianças, os contos não eram adaptados ao público infantil. Suas narrativas eram carregadas de detalhes violentos, cruéis e até mesmo eróticos, sempre inspirados em seu cotidiano. Logo, por mais que estivesse presente no momento da história, na maioria das vezes a criança não entendia a moral presente nela, pois elas não eram adaptadas para os pequenos e, dessa forma, a criança acabava não entendendo alguns dos significados presentes nas mesmas. (ALVES 2014, p. 20).

Conforme a autora, os contos inicialmente eram voltados para o público adulto, já que a criança não tinha importância na sociedade e fazia tudo que os adultos praticavam. Assim, as crianças não compreendiam as morais dos contos, pois não tinha uma linguagem que elas compreendessem. Isso se dá pelo fato de que as narrativas europeias não tinham a mesma riqueza de símbolos e linguagens claras para crianças como se apresenta nos contos de fadas. Cabe destacar que nessa época, as histórias eram contadas com uma riqueza de detalhes que levavam os ouvintes a acreditar que tal história havia de fato acontecido naquela sociedade, a citar: *O Gato de Botas, João e Maria, Rapunzel e Chapeuzinho Vermelho*. Esta última será apresentada em versões diferentes. A primeira versão é de Charles Perrault, publicada em Paris em 1697 conforme Tatar (2004, apud VICENTE 2012).

¹**Chapeuzinho Vermelho**

Era uma vez uma pequena aldeã, a menina mais bonita que poderia haver. Sua mãe era louca por ela e a avó, mais ainda. Esta boa senhora mandou fazer para a menina um pequeno capuz vermelho. Ele lhe assentava tão bem que por toda parte aonde ia a chamavam de Chapeuzinho Vermelho.

¹ (TATAR 2004, apud VICENTE 2012, p. 29)

Um dia sua mãe, que assara uns bolinhos, lhe disse: - Vá visitar sua avó para ver como ela está passando, pois me disseram que está doente. Leve para ela um bolinho e este potinho de manteiga.

Chapeuzinho Vermelho partiu imediatamente para a casa da avó, que morava numa outra aldeia. Ao passar por um bosque encontrou o compadre lobo, que teve muita vontade de comê-la, mas não se atreveu, por causa dos lenhadores que estavam na floresta. Ele lhe perguntou para onde ia. A pobre menina, que não sabia que era perigoso parar e dar ouvidos a um lobo, respondeu:

- Vou visitar minha avó e levar para ela um bolinho com um potinho de manteiga que minha mãe está mandando.

- Sua avó mora muito longe? Perguntou o lobo.

- Ah! Mora sim, respondeu Chapeuzinho Vermelho.

- Mora depois daquele moinho lá longe, bem longe, na primeira casa da aldeia.

- Ótimo! Disse o lobo. – Vou visita-la também. – Vou por este caminho aqui e você vai por aquele caminho ali. E vamos ver quem chega primeiro.

O lobo pôs-se a correr o mais que podia pelo caminho mais curto, e a menina seguiu pelo caminho mais longo, entretendo-se em catar castanhas, correr atrás das borboletas e fazer buquês com as flores que encontrava. O lobo não demorou muito a chegar à casa da avó. Bateu: Toc, toc, toc.

- Quem está aí?

- É a sua neta, Chapeuzinho Vermelho, disse o lobo, disfarçando a voz. – Estou trazendo um bolinho e um potinho de manteiga que minha mãe mandou.

A boa avó, que estava de cama por andar adoentada, gritou: - Puxe a lingueta e o ferrolho se abrirá. O lobo puxou a lingueta e a porta se abriu. Jogou-se sobre a boa mulher e a devorou num piscar de olhos, pois fazia três dias que não comia. Depois fechou a porta e foi se deitar na cama da avó, à espera de Chapeuzinho Vermelho, que pouco tempo depois bateu à porta. Toc, toc, toc.

- Quem está aí?

Ouvindo a voz grossa do lobo, Chapeuzinho Vermelho primeiro teve medo, mas, pensando que a avó estava gripada, respondeu:

- É a sua neta, Chapeuzinho Vermelho. Estou trazendo um bolinho e um potinho de manteiga que minha mãe mandou.

O lobo gritou de volta, adoçando um pouco a voz: - Puxe a lingueta e o ferrolho se abrirá.

Chapeuzinho Vermelho puxou a lingueta e a porta se abriu. O lobo, vendo-a entrar, disse-lhe, escondendo-se na cama debaixo das cobertas:

- Ponha o bolo e o potinho de manteiga em cima da arca, e venha se deitar comigo.

Chapeuzinho Vermelho tirou a roupa e foi se enfiar na cama, onde ficou muito espantada ao ver a figura da avó na camisola. Disse a ela:

- Minha avó, que braços grandes você tem!
- É para abraçar você melhor, minha neta.
- Minha avó, que pernas grandes você tem!
- É para correr melhor, minha filha.
- Minha avó, que orelhas grandes você tem!
- É para escutar melhor, minha filha.
- Minha avó, que olhos grandes você tem!
- É para enxergar você melhor, minha filha.
- Minha avó, que dentes grandes você tem!
- É para comer você.

E dizendo estas palavras, o lobo malvado se jogou em cima de Chapeuzinho Vermelho e a comeu.

Pontua-se que esta versão é muito conhecida no mundo ocidental, principalmente pela versão em francês *“Le Petit Chaperon Rouge”*, que posteriormente configurou-se em diversas traduções. Destaca-se ainda que este conto surgiu da linguagem oral e até 1697, nenhuma versão havia sido escrita (VICENTE 2014).

Os contos de Perrault tinham cunho moralizante, visavam apresentar os costumes e valores predominantes da época, assim como prezar pelo respeito e obediência aos pais. Enfatiza-se no início da trama a rara beleza de Chapeuzinho Vermelho, onde a mesma tornava-se atraente por corresponder ao estereótipo da época: bela e angelical. Em contrapartida, caso a mulher representasse rebeldia e não obedecesse às ordens impostas, poderia ser severamente punida, como aconteceu com Chapeuzinho Vermelho a partir do momento em que rompe sua obrigação de seguir direto pelo caminho até a casa de sua avó e começa a conversar com o lobo e ainda acata a sua sugestão de seguir pelo caminho mais

longo (PEREIRA 2014). É notório que assim como a protagonista, os leitores também necessitam aprender a distinguir aqueles que representam o bem e o mal, assim como tomar decisões, Souza et. al. (2019) destaca que:

O comportamento de Chapeuzinho evidencia a ligação com o princípio do prazer, ao seguir pelo caminho mais longo e, conseqüentemente, distanciar-se da tarefa que lhe foi confiada, apesar de saber que a avó, doente, esperava pelo alimento restaurador de suas forças. A protagonista precisa amadurecer, refletir sobre as próprias escolhas e perceber a sedução existente no prazer que a afasta da obrigação a cumprir (...) Chapeuzinho opta pelo caminho que deseja seguir, à custa de pagar o preço de suas escolhas, ainda que a conduzam a ser engolida pelo lobo (SOUZA et. al. 2019, p. 43).

Evidencia-se com esta afirmativa que a personagem segue pelo segundo caminho para desfrutar do prazer. Isso faz com que ela deixe de lado suas obrigações e despreocupação com a recuperação da avó e passe a correr riscos por um caminho desconhecido e vem a ser punida no final. A ação da protagonista reforça o comportamento não só da época em que o conto foi escrito, pois em toda sociedade as pessoas em processo de amadurecimento tendem a tomar decisões que podem levá-las a situações semelhantes, por isso o conto representa um ensinamento moralizante no final trágico.

A quebra de regras estabelecidas pela mãe demonstra a inocência de uma menina até o momento em que chega à casa da avó, espaço onde evidencia-se a princípio o medo através do diálogo entre Chapeuzinho Vermelho e o lobo disfarçado de avó. Embora o medo esteja em evidência marcado pelos questionamentos da protagonista, sua ingenuidade faz com que ela confie nele novamente e esta ação a leva à morte, caracterizando assim, como punição à desobediência da menina (PEREIRA 2014).

Outro ponto a se destacar é que poucos pais daquela época tinham coragem para contar este conto a seus filhos, pois os mesmos consideravam ele muito agressivo, já que o lobo seduz a menina e posteriormente devora a mesma e sua avó. Com isso, a versão de Perrault não termina com final feliz, visto que, o lobo vence e o conto ainda ganha uma moral, a qual alerta as meninas de rara beleza que não devem dar ouvidos a todos os tipos de pessoas, pois muitas destas se comportam como lobos e acabam devorando-as (VICENTE 2014).

Nota-se que o conto de Perrault apresenta-se como “uma narrativa breve, contendo em seu final um poema com lição moral. A linguagem simples e ingênua utilizada em Chapeuzinho Vermelho se justifica pela aproximação ao popular e ao vocabulário infantil daquela época” (PEREIRA 2014, p. 58). Esta configuração tinha como objetivo aproximar o público infantil ao mundo literário e o envolver nas histórias lidas, pois com uma linguagem clara, direta e breve, favorece a concentração e interesse da criança.

Dentre as versões do conto “Chapeuzinho Vermelho”, a que ganhou mais destaque e atenção dos leitores foi a dos Irmãos Grimm, citada por Costa (2014) e apresentada em resumo a seguir.

²Chapeuzinho Vermelho

Chapeuzinho era uma menina amorosa e muito querida por sua avó que lhe deu de presente uma capinha vermelha com chapéu, daí originou-se o seu nome. Certo dia, a mãe pediu para que Chapeuzinho levasse alguns mantimentos para a avó que estava doente, advertindo a menina que mantivesse o caminho direto sem desviar-se e que não esquecesse de cumprimentar a vovó com um “bom dia”. Mas quando a menina chegou ao bosque apareceu um lobo. Sem dar-se conta das más intenções do animal, a menina conta-lhe para onde vai. Usando de muita astúcia, o lobo pediu para Chapeuzinho olhar em volta de si as flores e passarinhos e assim a menina desvia-se do caminho e entra no bosque com o intuito de colher flores para levar à vovozinha.

Rapidamente o lobo pega um atalho, corre para a porta da vovó e passando-se por Chapeuzinho Vermelho, entra, dirige-se à cama da velhinha e a devora. Quando Chapeuzinho chega à casa da vovó e estranha o fato da porta já estar aberta, aproxima-se da cama, percebe a aparência estranha da tal senhora, imediatamente exclama: “Ó avó, que grandes orelhas tem!” E o lobo responde: - “Para ouvir-te melhor!” E continua: - “Que grandes olhos tem!” E o lobo novamente responde: - “Para ver-te melhor!” Mas a menina continua a estranhar a aparência da avó, admirando-se ainda mais: - “Que grandes mãos tens!” E o lobo disfarçado de vovozinha responde: - “Para abraçar-te melhor!” Porém a menina insiste: - “Mas, avó que grande boca tens!” E o lobo responde ferozmente: - “Para comer-te melhor!”

² (COSTA 2014, p. 14)

Dito isto, o lobo pulou da cama, engoliu a menina e adormecendo começou a ressonar alto. Estava um caçador a passar pelo local e achando estranho resolveu entrar na casa da vovó para ver se a mesma estava bem. Vendo o lobo deitado, o caçador cortou-lhe a barriga com uma tesoura e retirou de dentro a menina e sua avó. Pegaram elas pedras grandes e encheram a barriga do lobo que, ao se levantar com o enorme peso das pedras, caiu e morreu. O caçador retirou a pele do animal e levou-a para si, a vovó comeu o bolo e bebeu o vinho que Chapeuzinho lhe trouxera, recuperando suas forças. Chapeuzinho Vermelho lembrou-se do conselho de sua mãe e das consequências de tê-la desobedecido.

Constata-se que a versão deste conto feita pelos irmãos Grimm é uma paráfrase do conto de Perrault, tendo eles modificado alguns pequenos detalhes, a citar a introdução da história quando a mãe de Chapeuzinho a orienta a ir direto pelo caminho e não se desviar, e quando chegar à casa da vovó, cumprimentá-la. Getirana (2013), afirma que:

Nestas advertências há a sugestão de um modelo de comportamento que deveria ser seguido pelas crianças, pois, os irmãos Grimm sabiam que, mesmo não fazendo uso de uma lição moral como as usadas nas fábulas, essas orientações poderiam ser utilizadas nos contos de fadas. (GETIRANA 2013, p. 28).

Embora tenham se passado dois séculos de uma versão para a outra, os autores atribuem ensinamentos, comportamentos e valores da época. Os Irmãos Grimm também, dão ênfase para a obediência e respeito que a menina deve ter à mãe e à avó. Porém, percebe-se que novamente a protagonista não segue as orientações da mãe e para na floresta para conversar com o lobo e chega a se entreter com flores e passarinhos, dando oportunidade para que ele chegasse primeiro à casa da avó.

Conforme Costa (2014, p. 15), “o lobo é o enganador, o ser astuto que espreita a inocente menina, com as mais perversas intenções”. Ele, além de chegar primeiro à casa da avó e devorá-la, espera ansioso por Chapeuzinho Vermelho. Ao chegar, eles travam um diálogo e o lobo a devora, assim como havia planejado. Porém, nesta história, o final se prolonga, já que, os escritores acrescentam um novo personagem, o caçador. Como havia um caçador que passara por perto da

casa da vovó, resolveu entrar para ver como ela estava e encontra um lobo dormindo confortavelmente em sua cama, fato este que não acontece na versão de Perrault, pois a história encerra após o lobo devorá-las. Pereira (2014) cita que:

Ao contrário, elas são salvas por um caçador que manda o lobo desta para melhor após efetuar uma cesariana com uma tesoura. O lobo é castigado no final da história, embora não tenha realizado nada mais que lhe seja natural, devorar para alimentar-se, sendo normal, também, o homem matar o animal, o lobo, para cumprir tal façanha (PEREIRA 2014, p. 62).

Com a presença do caçador nesta versão, o mesmo configura-se como herói da menina e sua avó ao serem retiradas com vida da barriga do lobo, assim como a protagonista se vê como aquela que ajuda a avó a revigorar suas forças ao ingerir os alimentos que trouxera de sua casa. Chapeuzinho ainda pôde se lembrar dos conselhos de sua mãe e se arrepender de não a ter obedecido. Portanto, com a ajuda do caçador, Chapeuzinho Vermelho viveu “feliz para sempre”.

4 A IMPORTÂNCIA DOS CONTOS DE FADAS NA FORMAÇÃO DO LEITOR

É sabido que todas as pessoas, independente da sociedade e da época, em determinado momento de suas vidas tiveram contato com contos de fadas, seja por meio de histórias contadas, lidas ou assistidas. Porém, muitas destas pessoas não atribuem a relevância merecida aos contos, pois não sabem o real significado e valor destas histórias e gênero textual. Por causa disto, não as transmitem aos seus próprios filhos. Embora muitos não saibam, os contos de fadas não são histórias que servem somente para entreter e divertir o leitor, eles trazem consigo muitos significados, ensinamentos e provocam diversas reações no público infantil e juvenil (ALVES 2014).

4.1 Características dos contos de fadas

Percebe-se de imediato o conto, quando o mesmo se inicia pela expressão “Era uma vez...”, “Num certo país...” ou “Numa época em que os animais ainda falavam...” e no seu desenvolvimento surgem personagens como fadas, príncipes encantados, princesas, rainhas e reis. As histórias se passam em um lugar distante, geralmente em reinos com castelos e florestas. Os mitos e contos desde sua iniciação tiveram semelhanças e acabavam sendo confundidos pelos leitores, mas há divergências como destaca Paiva (1990):

As divergências ocorrem no sentido de o conto ter se transformado num mito dessacralizado, ou seja, o herói ou a heroína não agem em nome da ira dos deuses e nem situam-se num mundo governado por estes. Apesar de os heróis ou heroínas serem punidos ou não pelos seus atos, o conto lança-nos em um mundo de confrontação com algo inusitado, e a solução ou transposição do mesmo exigirá que os protagonistas passem a adotar uma nova atitude, o que implicará uma transformação de si mesmos, ou uma relação diferente para com a vida (PAIVA 1990, p. 7)

Em vista a esta menção a respeito das divergências entre mito e conto, cabe enfatizar que neste último, os heróis ou heroínas lutam contra os vilões apenas

para terem um final feliz, sem nenhum pretexto de vingança. Além disso, outro fator relevante nesta diferenciação “é o fato de nos contos ser mais improvável evidenciar a cultura na qual se originaram, o que não ocorre no caso dos mitos, sendo possível identificar no mito de Édipo, por exemplo, elementos da cultura grega” (PAIVA 1990, p. 7).

Já na visão de (BASTOS 2015), nos contos de fadas, os personagens apresentam-se com estrutura simples, levam consigo qualidades ou defeitos acentuados de fácil percepção do leitor. Além dos protagonistas, destacam-se ainda os pais, a madrasta, a avó, as cortes do rei, as bruxas, os monstros, as fadas, os trabalhadores que em determinados contos são aqueles que sofrem e batalham por dias melhores. Pode-se ainda destacar os animais, a citar: os três porquinhos, o lobo (animal predominante em muitas histórias como vilão), os ratinhos que ajudam a Cinderela, o coelho que leva Alice ao País das Maravilhas.

Há ainda os objetos como personagens animados: o Lumière (candelabro) melhor amigo da Fera, o Horloge (relógio) mordomo da Fera, Madame Samovar (Bule) governanta do castelo da Fera, é muito maternal, gentil e consoladora, o espelho mágico da Rainha Má e as vassouras voadoras das bruxas. Cabe frisar que os objetos se configuram como representações de sentimentos presentes nas pessoas como o orgulho, a modéstia, a covardia, a beleza, a feiura, a mágica, a bondade ou a maldade, assim, o leitor se percebe com certa proximidade ou distanciamento de determinados personagens a partir de seus comportamentos e expressões de sentimentos.

Ainda conforme (BASTOS 2015), os personagens que surgem nos contos como vilões (as bruxas, os gigantes e os lobos), desempenham uma atração à parte nas histórias e causam divertimento grande sobre a criança, visto que, ela gosta de vivenciar novas experiências e de enfrentar e vencer seus medos. Além disso, os vilões dos contos por mais que façam suas maldades e apresentem o lado sombrio, eles são vencidos no final. Desta forma, ajuda a criança a conhecer os lados positivos e negativos da vida e a lidar com sentimentos fortes, como o medo, o abandono, a perda.

É importante mencionar que os contos de fadas apresentam traços e características e são influenciados pela civilização em que surgiram, porém, torna-se praticamente impossível afirmar a qual sociedade cada um dos contos pertencem e até mesmo quando foram criados pelo fato de não haver registros no tempo e

espaço e ainda por eles terem surgido entre os povos através da linguagem oral, contados e ouvidos em diferentes lugares. Pode-se ainda fazer uma diferenciação entre os contos de fadas e os contos maravilhosos a partir de suas características e povos que os criaram, como aponta Paiva (1990):

Os contos de fadas, com ou sem fadas, desenvolvem seus argumentos dentro de uma magia feérica (reis, rainhas, príncipes, fadas, bruxas, gigantes, tempo e espaço fora da realidade conhecida, etc.) e têm como eixo gerador uma problemática existencial expressada através de provas e obstáculos que precisam ser vencidos, como um verdadeiro ritual iniciático, para que o herói alcance sua auto realização existencial, seja pelo encontro de seu verdadeiro eu, seja pelo encontro com a princesa, que encarna o ideal a ser alcançado (PAIVA 1990, p. 19).

Estas características apresentadas acima, reforçam o surgimento dos contos na civilização Celta, antes de Cristo e vindo a sofrer alterações a partir da Idade Média no continente europeu, assim, tornando difícil a tarefa de resgatá-los na sua forma original e “pura”. Cabe destacar que foi entre os povos celtas que surgiu a imagem das fadas, personagem marcante nos contos por ser a coadjuvante que vem a ajudar a protagonistas nos momentos de apuros. Já os contos maravilhosos, segundo Paiva (1990):

São compreendidos como narrativas que com ou sem a presença de fadas, se desenvolvem no cotidiano mágico (animais falantes, gênios e duendes, etc.), e têm como eixo gerador uma problemática social (ou ligada à vida prática concreta), mas que aponta para vivências simbólicas, como o confronto de tendências opostas ali representadas nas mais variadas figuras: lobos, bruxas, fadas, pássaros, personagens mitológicos, etc. (PAIVA 1990, p. 21).

Evidencia-se que as características dos contos indicam traços da cultura onde os mesmos surgiram. Destaca-se que os contos de fadas se originaram na cultura celta e moldados pelos povos europeus, tendo início da sua expansão através dos Irmãos Grimm e Perrault, por meio dos clássicos: A Bela e a Fera, Rapunzel, A Bela Adormecida e outros. Já os contos maravilhosos, originaram-se no oriente, eles apresentam características que remetem a parte material, ética e

sensorial do ser humano, a citar: As Mil e Uma Noites, O Gato de Botas, Aladim e a Lâmpada Maravilhosa, e outros (PAIVA 1990).

Convém mencionar que “apesar de não se comprovar o espaço e o tempo da narrativa, os contos iniciam a sua história num ambiente familiar onde se insere perfeitamente o homem comum” (PAIVA 1990, p. 8). Este elemento enfatizado pela autora, está presente no conto “João e Maria”, onde a ação se desenvolve a partir de um fato recorrente na sociedade, os pais pobres decidem abandonar os filhos e no conto “Rapunzel”, inicia-se a trama com o desejo de um casal em ter uma filha. Somente depois é que os elementos mágicos passam a complementar a história e a prender o interesse dos leitores e ouvintes, mas não podem ser comparados com os elementos ocorrentes nos mitos.

Corroborando com o apresentado, pode-se evidenciar que os contos de fadas se tornam diferentes das histórias comuns, visto que, os mesmos vislumbram os leitores com um núcleo onde há o uso de encantamentos e magia, aparecimento de seres dotados de poderes, uma questão existencial ou problemática a resolver, obstáculos a superar e um final feliz esperado para a celebração da conquista. Isto se deu quando os escritores passaram a escrever histórias para o público infantil, com o intuito de prender o leitor mirim nas histórias apresentadas com personagens mágicos e protagonistas que passam por vários problemas até serem felizes para sempre (VICENTE 2014).

A autora destaca ainda que, nos séculos XVII e XVIII, durante a passagem dos contos da oralidade para a escrita foi que os elementos moralizadores adaptaram e censuraram a cultura pagã e a sexualidade dos contos voltados para os adultos e passaram a integrar ao seu conteúdo figuras sobrenaturais, seres encantados, personagens do bem e do mal, e assim possibilitaram às crianças, tornarem-se leitoras desses contos (VICENTE 2014).

O escritor francês Perrault, um dos pioneiros desta ação, em suas obras apresenta poucas fadas, porém, muitos personagens do cotidiano da época, que viviam rodeados de seres fantásticos que faziam magias e protagonizavam as cenas de violência. Na Alemanha, os Irmãos Grimm, buscaram escrever histórias com uma linguagem infantil, preservando os relatos orais da cultura popular, as lendas e fábulas originais, a fim de preservar o espírito e a cultura alemã, além de utilizar nas histórias, personagens como: príncipes encantados, donzelas bondosas, madrastas

malvadas, bruxas, animais falantes. Corroborando com o assunto, Paiva (1990) acrescenta:

Os Irmãos Grimm reproduzem nos contos, temáticas que são identificadas nos vários contos que coletaram. Geralmente, um rapaz ou uma moça nascem numa família pobre, sendo ou muito amados ou desprezados pelos pais ou pelos substitutos destes (a afetividade obedece a pólos extremos). A partir daí, surge algum conflito ou alguma tarefa que leva o protagonista a "sair pelo mundo", podendo encontrar a solidão, a angústia e a fome que fatalmente serão compensadas por alguma intervenção mágica ou algum ajudante com poderes mágicos (voz interna?) que irá impor-lhe tarefas que, caso sejam vencidas ou superadas, haverá uma recompensa, ou seja, o casamento, mudança de posição social, reconhecimento pelos outros, enfim, situações que objetivamente significam mudanças na vida do protagonista, e subjetivamente acarretarão urna transformação de si mesmo, pois o protagonista sem dúvida muda a sua atitude perante a vida (PAIVA 1990, p. 25).

Como visto na citação acima, os contos dos Irmãos Grimm apresentam características em comum e peculiares. Eles buscaram colocar como eixo central a vida familiar e social dos protagonistas, onde os mesmos convivem rodeados de muito amor ou passam por conflitos familiares, onde se iniciam os conflitos da trama e fazem com que cada protagonista em sua história passe por várias situações-problema, no desenrolar destas situações conta com a ajuda de amigos dotados de poderes mágicos ou com magias que possibilitam solucionar os problemas fazendo com que chegue ao desfecho da trama para receber a recompensa de forma positiva e viver feliz para sempre.

Cabe destacar os contos que se apresentaram com características peculiares em diferentes épocas, a citar: O Patinho Feio, Alice no País das Maravilhas, Pinóquio, O Mágico de Oz e Contos da Carochinha, cujo objetivo era retratar a incompreensão de personagens, seu sofrimento principalmente pelo abandono, apresentar as crianças como protagonistas racionais em um mundo sem razão, como capazes de solucionar os problemas de sua vida, traz ainda as tensões existentes no contexto familiar e na sociedade em que vivem independente da época que foram escritos (CALDIN 2010, apud VICENTE 2014).

Como os contos passaram a ser escritos a partir do século XVII, eles herdaram traços da cultura da época, bem como características atribuídas aos personagens, onde estes enfrentavam grandes batalhas e desafios com o intuito de

vencer o mal. Isto fazia e faz com que a criança perceba a vida com diferentes olhares, onde ela possa depreender que tem que lutar contra dificuldades graves na vida em determinadas situações ou que não deve se intimidar com as provocações inesperadas e muitas vezes injustas, que dominará todos os obstáculos e ao fim se tornará vitoriosa.

Outro ponto predominante nos contos é a presença dos heróis que desempenham funções fundamentais para o decorrer da história e fazem com que a criança se identifique. Este interesse da criança pelo personagem é por ele ser dotado de virtudes e de comportamentos morais que fazem com que ela queira estar ao seu lado em todas as suas lutas, chegando a sofrer em todas as situações e ainda passa por todas as provas e dificuldades, e ao término da história, ela se realiza ao vencer com ele todos os dilemas para se tornar vitoriosa (BASTOS 2015).

Quanto aos contos, percebe-se que os escritores buscaram imprimir uma linguagem clara e objetiva, inserindo neles uma problemática perceptível para que os leitores infantis pudessem entender com mais facilidade o que estava sendo retratado na sociedade. Bastos (2015), afirma que:

Os contos de fadas caracterizam-se por possuir uma simbologia fixa, já estruturada, com personagens simples e fáceis de serem compreendidos pelas crianças. Entretanto, o que garante o sucesso dos contos de fadas (das versões que contamos atualmente), entre as crianças, é a utilização de problemas reais e o final sempre feliz, facilitando assim a identificação da criança com as histórias (BASTOS 2015, p. 29).

Com esta estruturação fixa, torna-se mais fácil para que os leitores mirins compreendam que a história que estão lendo é um conto, embora os personagens, conflitos e enredo sejam variados, mas pela estruturação as crianças de imediato apontarão ser um conto e a partir do momento que iniciarem a leitura, já embarcam nos dilemas com seus protagonistas e esperam ansiosas pelo desfecho e pela a frase “viveram felizes para sempre”.

Considerando o explicitado sobre as características dos contos de fadas, faz-se necessário pontuar que eles se assemelham a outras narrativas, porém, compõem-se de uma estrutura de fácil compreensão, leitura agradável, os leitores

percebem de imediato os perfis de cada personagem, se envolvem nas histórias com os protagonistas e magias e torcem pelo final feliz.

4.2 Os contos e sua utilização em sala de aula

Durante os séculos XVII e XVIII, os contos de fadas passaram a ser direcionados para o público infantil, onde os autores interviram e adaptaram a linguagem para que as histórias fossem utilizadas na área da educação, aproximando as crianças ao mundo letrado por meio de uma linguagem encantadora e que ensina as mesmas a trabalharem seus conflitos e a desenvolver sua identidade e personalidade por meio da ludicidade. Cavalcante e Solfa (2012), consideram que:

No desenvolvimento da criança a literatura é parte integrante, porém precisam-se entender como ela ocorre em sala de aula, a formação dos professores e como estes entendem as histórias no processo de aprendizagem. O professor exerce função vital, porém muitos não descobriram que os contos de fadas podem contribuir no papel de educadores. (CAVALCANTE; SOLFA 2012, p. 33)

Com base nesta colocação, compreende-se que a presença dos contos de fadas no desenvolvimento integral da criança, faz-se de extrema necessidade, pois os mesmos podem vir a contribuir com a ampliação dos seus conhecimentos e na formação de sua personalidade. Convém salientar que a partir da aproximação da criança com o mundo da leitura, ela passa a escrever com mais facilidade e amplia seu repertório de palavras e informações, além de enriquecer a sua formação enquanto aluno e cidadão.

Embora haja professores que desconhecem a importância dos contos de fadas em sala de aula, Bastos (2015, p. 32), enfatiza que “os contos de fadas ainda encantam e interessam crianças e adultos. Isso se deve ao fato de que essas histórias estão num mundo maravilhoso, cheio de fantasias, com a dominação de bruxas, fadas e duendes”. Sendo assim, os contos de fadas despertam o interesse de seus leitores independentemente da idade, pois apresentam uma linguagem acessível, de fácil compreensão, além dos elementos narrativos e personagens que

prendem a atenção dos leitores, por isso a relevância de se levar este gênero para a sala de aula com o intuito de incentivar ainda mais os alunos a ler. Frigo (2014), considera que:

O professor é o mediador no processo da inserção do aluno no mundo da leitura, é um cúmplice, encoraja o aluno a mergulhar no mundo de aventuras encontradas nos livros, ajuda-o a descobrir um mundo mágico dos contos de fadas, a viver personagens, imaginar, sonhar, provocar os mais diversos sentimentos como ódio, amor, alegria, medo, além de expor suas ideias referentes aos assuntos tratados nas obras por ele lidas (FRIGO 2014, p. 07).

Com esta afirmativa, percebe-se a relevância do professor no processo de apresentação dos contos de fadas aos alunos, pois ele é o mediador e realiza as primeiras leituras para despertar nos alunos o prazer em ter contato com os livros e pela leitura, para a partir dela, descobrir histórias, despertar e amadurecer sentimentos, aprender a lidar com os conflitos internos no processo de crescimento e entender em como lidar com cada um deles.

De acordo com Bastos (2015, p. 33), “o crescimento da imaginação aumenta aos cinco anos. Nessa oportunidade as crianças mostram muito interesse pelas atividades ‘faz de conta’ em que personificam e retratam suas aventuras passadas”. Nesta perspectiva, convém ao professor explorar ainda mais o uso dos contos de fadas em sala de aula, possibilitando assim mais aproximação e estímulo das crianças ao mundo imaginário e criação de histórias envolvendo os personagens dos contos que lerem. É interessante que o professor deixe a criança ter suas próprias opiniões a respeito do comportamento e caráter de cada personagem que conhecer, assim como no primeiro momento, permitir que ela descubra sozinha, os significados e ensinamentos de cada história, evitando assim que ela não perca o encantamento e o prazer pelas histórias, só depois disso é que o professor deve intervir complementando a opinião da criança.

Vindo a corroborar com o exposto, Cavalcante; Solfa (2012, p. 34), afirmam que “o educador tem papel essencial dentro do contexto, às histórias infantis despertam a criatividade, a autonomia, a criticidade dos alunos”. Conforme o explicitado, entende-se que a ação de contar histórias para crianças, incentiva as mesmas a desenvolver a ação investigativa e a ter conhecimento de mundo.

Outro fato relevante para a utilização dos contos de fadas em sala de aula, é que ao ler ou ouvir uma história, a criança passa a desenvolver e a vivenciar o faz de conta, a magia e o encantamento, tornando o estudo e a realização de atividades em um momento de ludicidade, onde ela aprende os conteúdos por meio do lúdico e desenvolve suas habilidades. Ainda sobre isto, Cavalcante; Solfa (2012, p. 34), afirma que “diante da importância da literatura no âmbito escolar, ela é pouca utilizada, muitas vezes ela é tida como passatempo, sendo um importante instrumento de integração da criança no contexto social”. Vale ressaltar que muitos professores já atribuem a real importância da prática de leitura em sala de aula e a utilizam como ferramenta constante para o desenvolvimento do ensino e da aprendizagem de seus educandos, mas, ainda há professores que utilizam a leitura poucas vezes e não instigam seus alunos a ler dentro e fora da escola.

Complementando o assunto, Frigo (2014, p. 07), pontua afirmando que “uma das dificuldades do professor é que os alunos se afastaram da leitura, tendo-a, em muitos casos, como castigo, pois buscam meios de comunicação de fácil acesso, onde encontram tudo pronto para apresentar aos seus professores”. Colocar o aluno para ler por meio de punições, é um forte contribuidor para o distanciamento entre aluno e mundo literário, pois se esta prática se torna corriqueira, ele corre o risco de perder o encantamento pela leitura e associá-la à punição, a algo que não lhe dá prazer. Os professores têm que incentivar seus alunos a ler e dá a eles o exemplo de que ler contribuirá para o seu sucesso na escola e na sociedade, com seus alunos tendo encantamento pela leitura, logo terão qualidade na aprendizagem e na mudança de comportamentos.

Vindo a corroborar com as ideias apresentadas, Bastos (2015, p. 35), destaca que “os contos trabalham com as dificuldades internas das crianças e durante a leitura, muitas vezes, elas se identificam com os personagens e aos poucos, resolvem seus próprios conflitos”. Em vista a esta colocação, é comum vermos crianças pedir para ler o mesmo conto várias vezes, isto se dar por elas terem encontrado um personagem naquela história com o qual se identifica e ele está lhe ajudando a enfrentar os seus conflitos internos e aprendendo a ter mais segurança na tomada de decisões.

Dentro da sala de aula, faz-se de extrema necessidade que os educandos percebam que o professor lê livros e que esta ação lhe dá prazer, pois, acredita-se que o “professor que não lê, jamais trabalhará bem com a leitura. Ele precisa ler

muito, gostar de ler e fazer com que os pequenos leiam; precisa ler para eles, ler com eles, e saber ouvir a leitura, ainda tímida e descompassada” (CAVALCANTE; SOLFA 2012, p. 36). Convém destacar que além de ouvir a leitura descompassada ou fluente deles, recomenda-se que haja sempre uma rotina onde se explore a leitura dos clássicos e das produções realizadas por eles para que haja valorização acerca do material que eles mesmo produziram.

Outra alternativa de incentivo da prática de leitura é “ler contos de fadas que apresentem diferentes versões, personagens diferentes ou finais diferentes pode estimular comparações por parte das crianças, facilitando o pensamento intuitivo e imaginário” (FRIGO 2014, p. 08).

A prática de realizar leitura de versões diferentes dos contos vem contribuir para o desenvolvimento do raciocínio crítico da criança, onde ela vai explorar o pensamento e confrontar uma versão com a outra e apontar as diferenças entre os enredos e as atitudes dos personagens assim como foi apresentado no segundo capítulo.

Vale enfatizar que as histórias em que a própria criança lê, muitas vezes não são as que marcam a sua infância. As que marcam sua infância de modo especial, são aquelas que foram contadas por outra pessoa, onde a criança guarda consigo a história e seus personagens, a voz de quem contou, sua entonação, seus gestos e sua emoção em cada situação que os personagens vivenciavam. Cabe acrescentar ainda que ao se trabalhar qualquer história em sala de aula, se faz necessário que antes o professor conheça bem a narrativa para só depois praticar a leitura com seus alunos. É a partir da leitura que as crianças descobrem vocábulos novos, aprendem a dar entonação às falas de cada personagem e narrador, reconhece o nome das histórias e dos personagens. (CAVALCANTE; SOLFA 2012). Assim, cabe salientar que ao ler um conto de fadas em sala de aula, o educador não pode ler apenas por ler, tem que convencer os seus alunos de que está vivenciando a história e transmitir emoção aos espectadores, pois é a partir de uma boa contação de história que se aprende a ter prazer em ler livros e a torná-los mais significativos em sua vida.

4.3 Os contos e suas contribuições para o despertar da leitura

Durante a prática de leitura de contos de fadas ou histórias dos mais variados gêneros textuais, a criança passa a ter uma gama de novos

conhecimentos: a forma de viver, pensar e agir de outras culturas, bem como os valores, os costumes e os comportamentos de um povo em determinado período da história geral. Estes conhecimentos possibilitam a criança relacionar a cultura que passa a conhecer com a cultura da sociedade em que vive. A escola como instituição educacional, pode e deve resgatar o repertório de histórias que as crianças ouvem em casa e nos ambientes que frequentam, pois, essas histórias se constituem em uma rica fonte de informação sobre as diversas formas culturais de lidar com as emoções, com as questões éticas, culturais e sociais, contribuindo para a construção do conhecimento, da subjetividade e da sensibilidade das crianças (CAVALCANTE; SOLFA 2012).

Os contos de fadas, independente do século em que foram criados, possuem uma linguagem universal, onde causa encantamento e permanecem vivos até hoje na memória das pessoas e, são eles que trabalham com as dificuldades internas pelas quais todas as crianças passam em determinado período da vida. Os contos possibilitam ainda o envolvimento e estreitam os laços entre o leitor e o receptor, como aponta Vicente (2014), ao informar que:

A riqueza da Literatura Infantil possibilita seu amplo aproveitamento como diversão entre pais e filhos, e como momento lúdico nas escolas de Educação Infantil. Nas bibliotecas espalhadas pelo país, muitos bibliotecários realizam, por exemplo, a “Hora do conto”, investindo esforços na disseminação do prazer da leitura, por meio das ricas, estimulantes e preciosas obras do universo da Literatura Infantil (VICENTE 2014, p. 16).

Entende-se que a literatura infantil vem a fomentar momentos de diversão e prazer entre familiares, amigos e até mesmo no ambiente escolar, desde que a prática da leitura seja conduzida de forma coerente e sem cobranças explícitas. A criança deve ser instigada a ler, sem nenhuma pressão para não perder o encantamento pela leitura, tornando-se assim um leitor assíduo e crítico.

É notório que muitos pais possam julgar e acreditar que os contos de fadas afastam as crianças da realidade, por descobrirem neles os elementos de magias e de fantasias recorrentes em muitos clássicos e também por se identificarem com bruxas, ogros, madrastas e, com isso, perderem o amor que tem pelos pais. Nota-se que muitos pais acreditam veemente que só a realidade

consciente ou imagens agradáveis, frases otimistas deveriam estar presentes nos livros e apresentadas às crianças no tempo certo. Cabe citar que nos contos transmitidos pela oralidade inicialmente, haviam componentes que não favoreciam ao mundo infantil, mas com o tempo eles foram se modificando, receberam uma linguagem adequada para as crianças, agradando aos pais. Pode-se mencionar que nos contos de fadas, há elementos que causam medo e estranheza na criança, mas é por meio do contato com o medo, do que é feio, que faz com que a criança passe a encarar e superar seus próprios medos e desafios da vida, isto se dar por ela estar se tornando um leitor cada vez mais crítico e seguro de suas próprias ideias (BASTOS 2015).

De acordo com Vicente (2014, p. 16), “desde os tempos antigos a maior conquista do homem é adquirir o conhecimento da realidade e também encontrar meios de transmiti-lo com a linguagem oral e depois a escrita”. Com isso, foram transmitindo seus conhecimentos de geração em geração por meio da linguagem oral até repassarem para a escrita e modificarem para se tornar acessível a todas as idades. A autora ainda considera que tudo isso se deu por meio do desenvolvimento da criatividade e da adaptação das histórias orais ao público infantil.

As adaptações dos contos de fadas voltadas para o público infantil trouxeram consigo a possibilidade das crianças aprenderem os ensinamentos através do lúdico presente em cada um deles, proporcionando-lhes a imaginação e a fantasia por meio do contato com as histórias que antes pertenciam somente aos adultos. Sendo assim, com esta relação com os livros, as crianças vivenciam aventuras, percebem que os personagens têm medos iguais aos seus, passam por conflitos semelhantes aos seus, e que tem sonhos iguais aos seus, e que seus sonhos podem se tornar realidade assim como os sonhos dos personagens. Vicente (2014) ainda afirma que:

A Literatura Infantil possui um impacto de sensibilização ao imaginário infantil e recorre a personagens cujos aspectos de personalidade se assemelham ao homem ou criança reais, o que permite ao leitor sintonizar-se com as sensações provocadas pelo autor, conhecer espaços reais ou imaginários, e confrontar-se com conflitos e soluções possíveis. Além disso, a Literatura Infantil, desde a sua gênese, vem retratando a riqueza das histórias relatadas oralmente (VICENTE 2014, p. 17).

Nota-se que nos contos há a presença de uma riqueza de ensinamentos e apropriação de conhecimentos, já que neles estão presentes personagens dotados de personalidades semelhantes às das pessoas, destacam-se variados contextos sociais, culturas, crenças e valores, além de que a criança leitora ou ouvinte pode vir a confrontar o comportamento e atitudes dos personagens com aquelas que ela vivencia no seu cotidiano, assim, pode vir a atribuir novas soluções para possíveis problemas que venha a enfrentar no futuro. Bastos (2015), ainda acrescenta que:

A contribuição dos contos de fadas para subjetivação das crianças é importante para o seu desenvolvimento. Os contos, ao transmitirem a ideia de que a luta contra as dificuldades na vida é inevitável, é parte intrínseca da existência humana, logo, trazem também a ideia de que se a pessoa não se intimida, e enfrenta o perigo, ela sairá vitoriosa. Isso alivia o coração das crianças, dá a elas mais coragem e mais entusiasmo diante dos problemas (BASTOS 2015, p. 36).

Pode-se inferir que os contos de fadas têm grande potencial para influenciar o imaginário das crianças, e isto é fundamental para o desenvolvimento delas. Há que se considerar que não somente os contos de fadas, mas todas as histórias em geral são importantes para a infância das pessoas, visto que, por meio da leitura, floresce a identificação com os personagens e suas atitudes, além de que, através do imaginário e das circunstâncias que a criança está vivendo naquele momento, ela encontra mais forças para a superação. A criança vive a história que lê ou ouve, ela se permeia pelo inconsciente, com o imaginário, com as frustrações e com o medo, além de fazer a criança se realizar ao perceber que seus heróis e heroínas foram vitoriosos e ela pode ser também vitoriosa na vida real.

Há quem possa considerar que os contos servem somente para entreter e divertir o leitor, mas não, eles trazem consigo muitos significados e provocam diversas reações nas crianças e nos adultos. Apesar dos contos de fadas terem se popularizado, muitas crianças ainda têm pouco contato com eles. Antes delas ingressarem na vida escolar, os familiares deveriam ser os responsáveis por transmitir essas histórias, porém, em muitos casos esse contato não é considerado relevante, pois desconhecem o valor dos livros, sendo que eles estão sendo substituídos por atividades que a criança possa desenvolver sozinha, como assistir televisão. Ao assistir desenhos e filmes, a criança não é estimulada a desenvolver

sua imaginação, visto que as imagens da história já veem todas prontas, ao contrário dos livros que revelam apenas algumas imagens e estimulam a criança a imaginar o restante das situações, tendo ainda os livros compostos apenas de imagens que instigam a criança a desenvolver a própria história a partir delas (ALVES 2014).

Com a ausência do estímulo por parte dos pais, tanto a prática de leitura quanto os contos de fadas passam a ser inseridos na vida da criança somente a partir do momento que ela frequenta a escola, caso o professor utilize a prática de leitura em suas rotinas de aula. Bastos (2015, p. 40), corrobora destacando que “os ganhos que a criança terá com os livros e com diferentes histórias serão infinitos e importantíssimos para toda sua vida”.

Com isso, pode-se enfatizar que o encantamento pelos livros não surge de repente, requer que os adultos ajudem a criança a descobrir o que eles podem oferecer. Somente com esta contribuição é que os pequenos leitores descobrirão a gama de contribuições que as histórias podem ofertar, como uma nova ideia, uma nova descoberta ou até mesmo ampliar os seus conhecimentos. Portanto, cabe aos pais ler juntamente com os filhos, e os professores ler junto com seus alunos para que uma base seja fortalecida pelo interesse em aprender a ler e a gostar dos livros. Bettelheim (2002), ainda enfatiza que:

Para que uma estória realmente prenda a atenção da criança, deve entretê-la e despertar sua curiosidade. Mas para enriquecer sua vida, deve estimular-lhe a imaginação: ajudá-la a desenvolver seu intelecto e a tornar claras suas emoções; estar harmonizada com suas ansiedades e aspirações; reconhecer plenamente suas dificuldades e ao mesmo tempo, sugerir soluções para os problemas que a perturbam (BETTELHEIM 2002, p. 04).

Em vista a esta citação, fica nítido destacar que um livro prende a atenção da criança quando ela passa a se identificar com a história que está lendo, a partir daí a mesma passa a ampliar os seus conhecimentos, a explorar sua imaginação e inteligência. Convém abordar que o momento de ler um livro é também a oportunidade para se aprender a dividir conhecimentos, trocar experiências, pensar e fazer coisas novas, informar, brincar com o próprio corpo e com o que está à sua volta. É indispensável que neste momento não haja pressa e sejam respeitados

todos os questionamentos e comentários que surgirem durante a leitura, bem como a permissão que ela fantasie o que está lendo ou ouvindo. Sobre isto, Frigo (2014) destaca que:

O ato de fantasiar facilita a compreensão, pois aproxima mais da maneira como veem o mundo, ela é encantadora, capaz de nos mover sem precisar sair do lugar. Explorar a imaginação é mexer com os sentimentos mais íntimos, e isso contribui para o desenvolvimento até mesmo da personalidade (FRIGO 2014, p. 10).

Portanto, é através da magia e encantamento que os contos de fadas transformam a vida dos leitores e ouvintes, eles permitem que, principalmente as crianças, explorem o seu imaginário e compreendam com mais facilidade o mundo à sua volta, assim como aprendem a lidar com os sentimentos e a desenvolver a sua personalidade. Há que se considerar que a criança ao se identificar com o herói, ela não se envolve de antemão com suas características físicas, mas por perceber nele a própria personalização de seus problemas, suas angústias, medos e anseios, e, principalmente, sua necessidade de proteção e segurança. Quando acontece a identificação com o herói, de imediato a criança passa a resolver inconscientemente os seus conflitos, busca a superação do medo que muitas vezes a inibiu e assim passa a enfrentar os perigos e ameaças que sente a sua volta e consegue alcançar o equilíbrio esperado e a desenvolver de forma significativa a sua personalidade. Essas considerações nos levam a concluir que a leitura de contos de fadas desde a infância vem a contribuir para que a criança possa encontrar tanto no universo simbólico quanto no mágico, todos os contribuintes necessários para construir e solidificar sua formação educacional, pessoal e profissional.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os contos em sua iniciação, caracterizaram-se como histórias destinadas ao público adulto e da forma oral, já que nas primeiras civilizações em que eles surgiram, não havia o hábito de registrarem o que contavam, sendo que esta prática costumava acontecer ao redor de grandes fogueiras durante a noite e tinham como objetivo assustar, aplicar sermões ou lições de moral.

Com o tempo, a criança ganhou espaço na sociedade, passou a estudar em escolas e a conviver com outras crianças. Esta nova forma de viver da criança contribuiu para que escritores passassem a perceber a importância em escrever obras literárias voltadas para elas, assim, começaram a reescrever os contos de fadas voltados antes somente aos adultos, para que elas pudessem aprender a ler e a se deleitarem conhecendo os contos de fadas, pois eles trazem consigo elementos que servem de alicerce para o desenvolvimento cognitivo, social e moral. Sendo ainda contribuintes do caráter socializante por apresentarem em seus enredos os elementos pertinentes da nossa herança cultural.

É neste sentido que se percebe que os contos de fadas contém fatores que vêm a contribuir para a formação da personalidade do indivíduo nos aspectos afetivo, social e racional, visto que, ao embarcar na leitura de um conto de fadas, o leitor ou ouvinte desenvolve a sua imaginação, fantasiando no mundo real o que seus heróis e heroínas vivenciam no mundo fictício.

Durante a leitura de um conto, a criança ouvinte pode vir a pedir para a mesma história ser lida novamente ou várias vezes seguidas, com a mesma entonação e expressões, para que ela se aproprie da história e decodifique todas as sequências. Isso se dá pelo fato dela ter se identificado com o enredo, havendo aí um encantamento pelo conto. Quando isso acontece é porque a criança passou a vivenciar os sentimentos e emoções que foram passados por meio dos personagens presentes na história e pela forma como ela foi contada.

Estes personagens apresentam de forma lúdica as vivências e situações do cotidiano, bem como as relações que a criança vivencia. É ainda por meio dos contos de fadas que elas ampliam os conhecimentos, através do enredo, reformulam a forma de pensar, se comportar e de agir perante a sociedade.

É notório que a prática de leitura se torna indispensável para a criança, devendo ela ser iniciada cada vez mais cedo, visto que, este hábito, contribui para o desenvolvimento de leitores ainda mais críticos que percebem nos livros um elemento onde eles desenvolvem uma atividade prazerosa. Para que a história venha despertar interesse e a atenção do leitor mirim, ela deve primeiramente despertar a sua curiosidade, porém, para enriquecer a sua vida, deve estimular-lhe a imaginação, ou seja, ajudá-lo a desenvolver o seu intelecto e, conseqüentemente reconhecer as suas dificuldades e a sugerir soluções para seus possíveis problemas.

Os contos de fadas, inicialmente encantam a criança através das imagens contidas nos livros, o local onde se passa cada história, as situações que cada personagem vivencia e as magias que surgem no decorrer da história.

Em sala de aula, os professores devem inserir práticas de leituras cotidianamente, sendo ele inicialmente o leitor para que os alunos percebam a entonação e expressões adequadas para cada fala de personagem, posteriormente, ele deve incentivar as crianças a ler, para que elas possam vivenciar esta realidade e adquirirem o hábito da leitura. É cabível enfatizar que o professor não deve utilizar a prática de leitura em sala de aula como meio de punição e atividade avaliativa, ele deve promover ações em que a criança se aproprie da leitura de forma prazerosa e se deleite em cada momento que parar para ler, pois, se a criança perceber que o momento da leitura se tornou algo avaliativo, ela pode vir a perder o encantamento pela leitura e conseqüentemente não se tornará um leitor assíduo e nem crítico.

A pesquisa teve início com o intuito de atingir o objetivo geral: analisar as contribuições que os contos de fadas trazem para o despertar da leitura e formação do leitor; e como questionamento: quais as contribuições dos contos de fadas para o despertar da leitura?

Com o desenvolvimento da pesquisa e análise de dados coletados, pode-se inferir que os contos de fadas contribuem de forma positiva para o despertar da leitura e formação do leitor, pois os mesmos favorecem para que as crianças desenvolvam inicialmente a imaginação, posteriormente, contribuem para que elas desenvolvam o raciocínio lógico, reformulem a forma de pensar, agir e atuar no meio social em que vivem, eles auxiliam as crianças a aprenderem a conviver com seus problemas mais íntimos como o medo, o abandono, a perda e, com as leituras diárias, elas passam a se identificar com os personagens e situações que vivenciam

no mundo imaginário, elas passam a enfrentar com eles todas as situações e se fortalece à medida em que ver os mesmos se superarem e vencerem todos os dilemas enfrentados para se tornarem vitoriosos no final e viverem felizes para sempre.

Portanto, os contos de fadas só tendem a contribuir para o desenvolvimento e aprendizado das crianças, devendo elas ter contato com eles cada mais cedo, pois será por meio deste gênero textual que virão as contribuições para as crianças se tornarem leitores ainda mais assíduos, críticos, seguros e formadores de suas próprias decisões e responsáveis pelas suas próprias escolhas.

Recomenda-se a leitura desta obra a todos aqueles que gostam de literatura e de contos de fadas principalmente, além de educadores, pois o mesmo poderá a vir a fazer com que cada leitor reflita sobre o conteúdo abordado e repense suas atitudes de como inserir os contos no cotidiano das crianças e como passará a introduzi-los a partir de agora.

REFERÊNCIAS

ALVES, Mariana Rodrigues. **Contos de fada na vida de crianças**. Rio de Janeiro, RJ: UERJ, 2014.

BASTOS, Gabriele Miranda. **A importância dos contos de fadas na educação infantil**. Brasília, DF: UnB, 2015.

BETTELHEIM, Bruno. **A Psicanálise dos Contos de Fadas**. 16 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

CALDIN, Clarice Fortkamp. O bibliotecário, a criança e a literatura infantil: algumas ponderações. IN: VICENTE, Eliane Pereira. **O imaginário nos contos de fadas: uma análise de dois contos de Charles Perrault e dos irmãos Grimm**. Florianópolis, SC: Universidade Federal de Santa Catarina, 2014. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/127556/TCC%20-%20ELIANE%20PEREIRA%20VICENTE%20%281%29.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 10 nov. 2019.

CARVALHO, Barbara Vasconcelos de. A literatura infantil: visão histórica e crítica. IN: VICENTE, Eliane Pereira. **O imaginário nos contos de fadas: uma análise de dois contos de Charles Perrault e dos irmãos Grimm**. Florianópolis, SC: Universidade Federal de Santa Catarina, 2014. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/127556/TCC%20-%20ELIANE%20PEREIRA%20VICENTE%20%281%29.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 17 set. 2019.

CAVALCANTE, Daiane Cristina; SOLFA, Milena Rochet da Silva. **A utilização dos contos de fadas com crianças em processo de alfabetização**. Lins, SP: Centro Universitário Católico Salesiano Auxilium, 2012.

CIVITA, V. Mitologia: verdade e fantasia. IN: VISINTIN, Carlos Del Negro; GRANATO, Tania Mara Marques. **O mito grego e os contos de fadas: narrativas sobre a maternidade**. Campinas, SP: PUC, 2012. Disponível em: <file:///C:/Users/ricar/Downloads/2997-Texto%20do%20artigo-11811-1-10-20140307.pdf>. Acesso em: 07 out. 2019.

COELHO, Nelly Novaes. O conto de fadas. IN: VICENTE, Eliane Pereira. **O imaginário nos contos de fadas: uma análise de dois contos de Charles Perrault e dos irmãos Grimm**. Florianópolis, SC: Universidade Federal de Santa Catarina, 2014. Disponível em:

<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/127556/TCC%20-%20ELIANE%20PEREIRA%20VICENTE%20%281%29.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 17 set. 2019.

_____. Panorama histórico da literatura infantil/juvenil: das origens indo-européias ao Brasil contemporâneo. IN: VICENTE, Eliane Pereira. **O imaginário nos contos de fadas: uma análise de dois contos de Charles Perrault e dos irmãos Grimm**. Florianópolis, SC: Universidade Federal de Santa Catarina, 2014. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/127556/TCC%20-%20ELIANE%20PEREIRA%20VICENTE%20%281%29.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 17 set. 2019.

_____. O Conto de Fadas [livro eletrônico]: símbolos, mitos, arquétipos. IN: SOUZA, Damaris Leme de. **Literatura infantil: origens e contribuições na educação**. Rio Claro, SP, 2016. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/144023/000869945.pdf>. Acesso em: 07 out. 2019.

COSTA, Mariana Felipe da. **Chapeuzinho Vermelho: duas leituras do conto de fadas**. Guarabira, PB: UEPB, 2014.

CUNHA, Maria Antonieta Antunes. Literatura Infantil: Teoria & Prática. IN: VICENTE, Eliane Pereira. **O imaginário nos contos de fadas: uma análise de dois contos de Charles Perrault e dos irmãos Grimm**. Florianópolis, SC: Universidade Federal de Santa Catarina, 2012. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/127556/TCC%20-%20ELIANE%20PEREIRA%20VICENTE%20%281%29.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 17 set. 2019.

ELIADE, Mircea. Mito e realidade. IN: PAIVA, Maria Beatriz Facciolla. **Os contos de fadas: suas origens histórico-culturais e implantações psicopedagógicas para crianças em idade pré-escolar**. Rio de Janeiro, RJ. Instituto de Estudos Avançados em Educação, 1990. Disponível em: <https://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/bitstream/handle/10438/9128/000055319.pdf>. Acesso em: 01 out. 2019.

FRIGO, Neusa Maria. **O Mundo Mágico dos Contos de Fadas**. Londrina, PR, Universidade Estadual de Londrina, 2014.

GETIRANA, Mariana de Almeida. **Releituras de Chapeuzinho Vermelho**. Rio de Janeiro, RJ: UNIRIO, 2013.

GILLIG, Jean-Marie. O Conto na psicopedagogia. IN: VICENTE, Eliane Pereira. **O imaginário nos contos de fadas: uma análise de dois contos de Charles Perrault e dos irmãos Grimm**. Florianópolis, SC: Universidade Federal de Santa Catarina, 2012. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/127556/TCC%20-%20ELIANE%20PEREIRA%20VICENTE%20%281%29.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 17 set. 2019.

JUVINO, Analice da Silva. **A relação entre o conto de fadas tradicional e o moderno**. Guarabira, PB: UEPA, 2010.

LAJOLO, M. O que é literatura. IN: BASTOS, Gabriele Miranda. **A importância dos contos de fadas na educação infantil**. Brasília, DF: UnB. 2015. Disponível em: http://bdm.unb.br/bitstream/10483/12925/1/2015_GabrieleMirandaBastos.pdf. Acesso em: 19 out. 2019.

MEREGE, Ana Lúcia. Os contos de fadas: origens, história e permanência no mundo moderno. IN: VICENTE, Eliane Pereira. **O imaginário nos contos de fadas: uma análise de dois contos de Charles Perrault e dos irmãos Grimm**. Florianópolis, SC: Universidade Federal de Santa Catarina, 2014. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/127556/TCC%20-%20ELIANE%20PEREIRA%20VICENTE%20%281%29.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 09 nov. 2019.

PAIVA, Maria Beatriz Facciolla. **Os contos de fadas: suas origens histórico-culturais e implantações psicopedagógicas para crianças em idade pré-escolar**". Rio de Janeiro, RJ. Instituto de Estudos Avançados em Educação, 1990.

PEREIRA, Histávia Duarte. **Releituras de Chapeuzinho Vermelho: Era uma vez... em outras vozes**. Catalão, GO: UFGO, 2014.

PESSOLATO, Luciana; BRONZATTO, Maurício. **As Transformações dos Contos de Fadas e o Surgimento da Infância**. Revista Eletrônica Saberes da Educação – Volume 5 – nº 1 – 2014. Disponível em: http://docs.uninove.br/arte/fac/publicacoes_pdf/educacao/v5_n1_2014/Luciana.pdf. Acesso em: 18 set. 2019.

PINHO, Juliana Bezerra de; NOVAES, Rosana Sampaio de Araújo. **Branca de Neve: dos contos de fada às telas de cinema**. Jacobina, BA, Universidade do Estado da Bahia, 2014.

RADINO, Glória. Contos de fadas e realidade psíquica: a importância da fantasia no desenvolvimento. IN: PESSOLATO, Luciana; BRONZATTO, Maurício. **As**

Transformações dos Contos de Fadas e o Surgimento da Infância. Revista Eletrônica Saberes da Educação – Volume 5 – nº 1 – 2014. Disponível em: http://docs.uninove.br/arte/fac/publicacoes_pdf/educacao/v5_n1_2014/Luciana.pdf. Acesso em: 18 set. 2019.

SILVA, Cristiane da. **O assistencial e o educativo na educação infantil:** um estudo sobre as relações entre o cuidar e o educar em uma instituição pública do município de São José. São José. Centro Universitário Municipal De São José, USJ. 2013.

SOUZA, Angela Leite de. Contos de fada: Grimm e a literatura oral no Brasil. IN: PINHO, Juliana Bezerra de; NOVAES, Rosana Sampaio de Araújo. **Branca de Neve:** dos contos de fada às telas de cinema. Jacobina, BA, Universidade do Estado da Bahia, 2014. Disponível em: <file:///C:/Users/ricar/Downloads/TCC%20Branca%20de%20Neve.pdf>. Acesso em: 18 out. 2019.

SOUZA, Elisângela Maria de; MICHELLI, Regina; BATALHA, Maria Cristina; GARCÍA, Flavio. **A narrativa ficcional para crianças e jovens:** teorias e práticas. Rio de Janeiro, RJ: UERJ, 2019.

TATAR, Maria (Org.). Contos de fadas: edição comentada & ilustrada. IN: VICENTE, Eliane Pereira. **O imaginário nos contos de fadas:** uma análise de dois contos de Charles Perrault e dos irmãos Grimm. Florianópolis, SC: UFSC, 2012.

VAZ, Priscila Mana. **No mundo dos contos de fadas:** a construção de universos diegéticos em *Once Upon a Time*. Niterói, RJ: Universidade Federal Fluminense, 2014.

VICENTE, Eliane Pereira. **O imaginário nos contos de fadas:** uma análise de dois contos de Charles Perrault e dos irmãos Grimm. Florianópolis, SC: UFSC, 2014.